

PREFÁCIO

Os participantes diretos no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, os professores e os alunos, são o assunto dos trabalhos deste fascículo. Mas os autores examinam esses participantes por várias perspectivas, de modo que mostram a complexidade dos ambientes, processos, ferramentas, e objetivos, levantando questões sobre as propostas de ensino de língua. E somos convidados a pensar na formação tanto dos aprendizes como dos professores. Nessa relação dos aprendizes com o seu aprendizado, surgem questões sobre a tecnologia que proporciona um letramento que tem alcance social e que implica em interações novas entre aprendizes. Surge, também, a proposta da leitura que não seria limitada à aprendizagem de uma habilidade, mas lançada como parte da construção do aluno que tem voz no processo de ensino e aprendizagem. Na relação dos professores com a sua formação como docentes, sempre um processo dinâmico e inacabado, vemos o docente assumindo uma postura reflexiva e também se deparando com as questões teórico-metodológicas do processo ensino/aprendizagem.

Dois dos artigos de pesquisa neste fascículo tratam de tecnologias utilizadas para o ensino. José Paulo de Araújo traz considerações sobre o uso de agentes conversacionais (*chatbots*) AIML no ensino de língua estrangeira ou segunda língua, e argumenta pelo uso desses agentes em tarefas próprias para o ensino. O autor entende que o uso dos *chatbots* deve favorecer os significados, ao invés de formas, e que se devem levar em conta as competências dos aprendizes.

No outro artigo que aborda a tecnologia, Elizabeth Varges de Souza faz uma análise discursiva dos fóruns em um ambiente de EaD, especificamente sobre a negociação dos conflitos que acontecem durante a interação. Com o foco na face e na polidez, Varges de Souza observa que os fóruns de EaD são simuladores de uma sala de aula, ou seja, um espaço onde se dá a interação entre o professor e os aprendizes e onde, mesmo nesse ambiente virtual, os conflitos acontecem e são negociados. Com o aumento da procura desse modo de ensino, é preciso examinar o EaD para entender a questão de conflitos, segundo a autora.

O próximo artigo trata de um estudo sobre leitura em escolas. Mayara Pereira Dau e Alexandra Santos Pinheiro apresentam a sua pesquisa em que foram entrevistados os alunos que freqüentam duas escolas do Ensino Médio. Com o objetivo de traçar as práticas desses leitores em relação às expectativas dos professores, as autoras mostram que os alunos se interessam pela leitura, porém, não de uma forma que coincide plenamente com as expectativas da escola. As autoras procuram entender esse resultado visando à questão da formação de leitores.

Retomando o tema de EaD e focando o letramento, o ensaio de Denílson Pereira de Matos propõe uma visão de ensino/aprendizagem que vai além da competência lingüística. O autor esboça um modelo em que o aluno não somente conhece bem a língua, mas também desenvolve uma noção crítica sobre os seus anseios sociais. O autor defende a EaD como a direção que possa contribuir para a realização desse objetivo.

Entre os relatos deste fascículo, surge novamente o tema da leitura. Fabiana Ferreira Santos Miranda e Paula da Silva Lisboa tratam da relação entre leitura, literatura e memória. Para as autoras, a memória é um processo social, que permite rever o passado através do processo de lembrar e recriar. A memória estimula o gosto pela leitura, e a literatura está à função da memória, no tratamento de espaços, tempos e lembranças. Reportando uma experiência entre educadores e alunos em uma escola, as autoras mostram a procura pela construção da identidade e a valorização da cultura local.

Um outro trabalho, sobre o aluno e sua voz na aprendizagem, destaca o ensino crítico de língua inglesa (I/LE) no Ensino Médio. Fernando Zolin-Vesz e Veralúcia Guimarães de Souza relatam o caso de um curso de inglês voltado para a agropecuária, onde a proposta de ensino se caracteriza como crítica e também interdisciplinar. Os autores discutem como essa abordagem possa contribuir para a formação do aluno que participa de forma engajado no ambiente de trabalho.

Passando para a formação do professor, o fascículo conta com dois relatos sobre a experiência docente. Isabel Moraes reflete sobre o estágio supervisionado de inglês, à luz de questões teóricas sobre a docência. A autora se baseia na Prática Exploratória como caminho para entender o que é ser professor.

O outro relato tem como tema a formação do professor de espanhol. Cleidimar Aparecida Mendonça e Silva e Lucielena Mendonça de Lima levantam questões sobre o

estágio para o professor de espanhol, levando em conta a necessidade de dar maior atenção ao preparo desses professores, visando às crescentes exigências de qualificação. Para Silva e Lima, o estágio em espanhol é visto como uma atividade de investigação e reflexão sobre questões abrangentes, tais como inclusão social e interculturalidade.

Os trabalhos deste fascículo apontam caminhos tanto para os alunos como para os professores. Aos alunos, é proposta uma visão de ensino e aprendizagem em que usos de tecnologia e leitura valorizam uma formação crítica e abrangente. Aos professores, é sugerido um modelo reflexivo e ao mesmo tempo investigativo, visando uma compreensão das múltiplas questões presentes no exercício da docência.

Barbara Hemaïs
Editora